

O Potiguar

Ano XI

Nº 51

Agosto / Setembro 2008

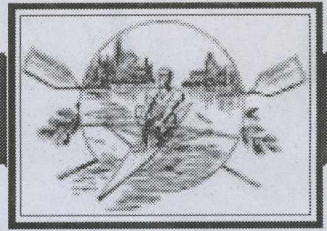
Distribuição Gratuita



A GÊNESE DO RÁDIO

DESSPORTISTAS INOLVIDÁVEIS

Paulo Barros de Goés



Seu nome deve, obrigatoriamente, ser lembrado com justiça na história dos esportes natalenses, principalmente no futebol. Num trabalho metódico, fundou mais um clube de futebol em nossa capital – O Natal Futebol Clube, para disputa do campeonato da cidade da LDTRN – Liga de Desportos Terrestres/RN (entidade fundada/1918), quando a tarefa era quase impossível à falta de meios necessários, inclusive a assistência técnica.

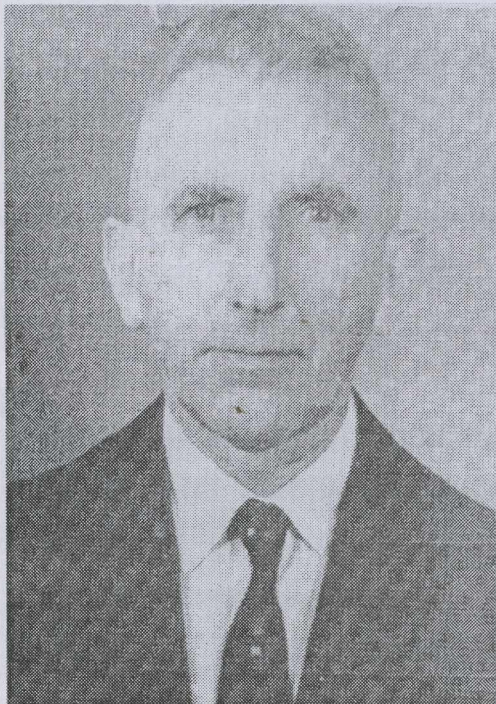
Com os seus parentes – Armandinho, João Inácio, Nazareno, Lourival e Pedro (descendentes de Yoyô Barros, o maior folião carnavalesco de sua época), reuniu um grupo de idealistas e o clube foi organizado. Paulo Barros era o roupeiro, adquiria o material, incentivava para os treinos que consistia num pequeno bate-bola e depois corridas leves de mil metros, levantamento de “marombas” e uma “gemada”. Era o Natal, o segundo desse nome a ser fundado na cidade e que, como o primeiro, não pode manter-se por muito tempo. O primeiro foi fundado em 18/05/1910 por Alberto Roselli, Jayme dos G. Wanderley, Júlio Meira e Sá, Silvino Dantas e Aureo Paiva, que teve vida efêmera. O Natal Futebol Clube, o segundo, de Paulo Barros de Góes, muitas vezes entrava em campo com número suficiente e obrigatório para jogar, participou do campeonato oficial em 1927.

Bem antes, Paulo e seus parentes, fundaram o Valentino Futebol Clube, numa homenagem ao astro romântico do cinema americano, porém, não viveu muito tempo e desapareceu para sempre...

Outros clubes nasceram e desapareceram meteoricamente – o Atlântico (1915), de Olavo Wanderley; o

Morte (04/07/1916), de José Tavares e Café Filho; o Team Negro (1917), de Wandemar Almeida; o Curupaythy (1918), de Lauro Freire; o Potiguar (1910), de Álvaro China. Bastava faltar a bola...

Posteriormente, conforme



reportagem publicada no jornal “O Atleta”, de 1939, Paulo Barros com Djalma Maranhão, Iaponam Guerra e Militão Chaves, reuniram-se em Assembléia Geral, para fundar outro clube, tendo antes sido proposto naquela reunião reorganizar o Valentino ou o Centro Esportivo Natalense, em homenagem àquele Clube que fundara com o América e ABC a LTDRN, porém, o que prevaleceu mesmo foi, à unanimidade, de dar o nome de Clube Atlético Potiguar, que constituiu uma forte equipe de futebol que teve destaque

no período da “II Grande Guerra Mundial”, com o apoio também de João Cláudio de Vasconcelos Machado, Brígido Ferreira, Manoel Augusto e outros, em cuja equipe pontificava jovens atletas da Escola Técnica Federal e militares que vieram do sul em contingentes militares do Exército que aqui ficaram sediados e deram muito trabalho ao América, ABC e Alecrim, tirando-lhes preciosos pontos. O Atlético participou dos campeonatos oficiais de 1939 até 1993, porém, nunca foi campeão, sendo apenas vice-campeão em 1961 e campeão dos Torneios Inícios de 1968 e 1970 e vice de 1944.

Naquele mesmo período da vida desportiva da cidade (1943), Paulo Barros, Djalma Maranhão e Humberto Nesi, fizeram parte da Junta Governativa indicada pela Federação para equacionar uma crise que existia no basquetebol local.

A figura singular de Paulo Barros de Góes, foi por muitos anos um abnegado, quase a própria história do esporte potiguar, um modelo de cidadão e desportista. Assim, foi aquele jovem comerciante que depois de uma carreira no Ministério da Fazenda, teve a aposentadoria merecida.

Foi ainda, em 1945, Secretário do Conselho Regional de Desportos – CRD, na administração do desportista Rui Moreira Paiva; membro por muitos anos do Conselho Supremo da Federação Norte-riograndense de Desportos e, na Administração do capitão Porfírio da Paz à frente da FND (1942) foi um dos seus Diretores, ao lado de Artur Carlos Trita e Eptácio Fernandes de Oliveira.

Luiz G. M. Bezerra

EXPEDIENTE

- Diretor- João Gothardo D. Emerenciano
- Programação Visual- Josivan Ribeiro Justino
- Editor- Moura Neto
- Capa- Adrovando Claro
- Revisão- João Gothardo D. Emerenciano
- Gerente Comercial- Carlos Frederico Câmara
- Impressão- Departamento de Imprensa

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59 020-400

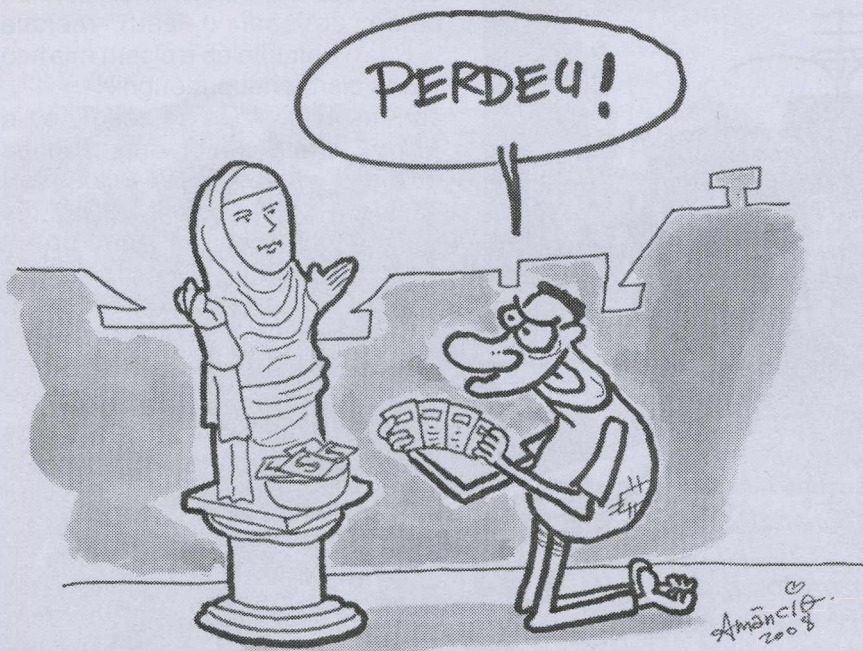
email: joagothardo@yahoo.com.br



haroldomaranhão
arquitetura

av. prudente de morais, 305
natal rn brasil 55 84 3611 2672
maranhaoarquitetura@digizap.com.br

O passado além de pedra e cal



Natal, cidade quatrocentona, nascida no contexto da União Ibérica, sobre as ordens de Felipe II. Fundada pelos colonizadores no dia 25 de dezembro de 1599, no alto onde hoje é a praça André de Albuquerque. Nasceu cidade, sem passar pelo estágio de vila, por muito tempo conviveu com o trocadilho: “cidade do Natal, não-há-tal. Palco do encontro de civilizações: a portuguesa, a holandesa, a francesa e a africana com os índios potiguaras. A cidade, com o testemunho do Potengi, transformou-se a partir da ação deste núcleo formador no, hoje, povo natalense.

Como conhecer então o passado desta cidade?

Podemos iniciar pelo Patrimônio de “pedra e cal”, procurando na nossa arquitetura, sinais da ocupação e evolução deste chão chamado Natal. Encontramos diversos significados, representados em edificações antigas e novas, como o Forte dos Reis Magos e a Ponte de Todos Newton Navarro. Ao olhar nossa história através destes monumentos descobrimos, entre pedra e cal, muito do contexto histórico em que essas edificações foram inseridas.

Mas a história de uma cidade vai além da sua arquitetura, sua

alma está em seus becos, vielas e ruas, ou melhor dizendo, seu espírito está em sua gente, seu povo, homens e mulheres, construtores sociais. Como nos ensina o poeta Ferreira Gullar: “...a história está nas esquinas, ruas, quintais, ...” no cotidiano. É então o fazer e agir de homens e mulheres que constrói a urbe, seu traçado tem a digital de seus habitantes. Neste sentido, é fundamental, não olharmos a Cidade do Natal apenas através dos seus monumentos, busquemos o corriqueiro, o pequeno gesto, que faz o cidadão ter o sentido de pertença à humanidade.

Como exemplo lembremos das figuras populares, pessoas com características bem peculiares, trazendo no seu jeito de interagir com o mundo um pouco da sociedade e seus costumes em determinadas épocas. Um destes personagens é Béiete. Conheci Béiete quando em um dos sebos da cidade encontrei o livro de João Amorim Guimarães, Natal do meu tempo, edição organizada pelo professor Humberto Hermenegildo. Béiete, nas palavras de Guimarães, “era um camarada meio amalucado, imbecializado, que vivia a implorar a caridade pública...”. A Natal de 1920, época de Béiete, tinha no seu calendário festivo o dia 3 de maio como dia da Santa Cruz da Bica,

feira popular que surgiu a margem da igreja católica e aos poucos transformou-se num dos maiores eventos católicos da natal do início século passado.

Pois bem, vejam a astúcia deste personagem, Béiete sabia da existência de um “cofre” na pracinha da Santa Cruz da Bica, onde os fiéis depositavam seus donativos. O “cofre” estava sempre cheio, esperando a hora dos encarregados recolherem as contribuições dos devotos. Béiete como um gênio resolveu jogar baralho com a Santa, pois não suportava mais a vida de pedinte e como cristão tinha de ganhar seu sustento de forma honesta. Nos relata Guimarães, que por muito tempo o “imbecilizado” Béiete ia todos os dias a pracinha da Santa Cruz da Bica e lá chegando logo dizia:

- Bom dia, minha Divina Santa Cruz.

- Bom dia Béiete – Respondia ele com a voz mudada.

- Minha Divina, eu tenho um baralho, vamos jogar uma biscazinha?...

- Vamos Béiete. Eu até gosto de um joguinho.

A Santa, coitada, não ganhava uma partida pelo amor de Deus. Béiete era só alegria, embolsando todo o dinheiro doado a Santa. Quando foi pego em flagrante, saiu com esta perola:

- Ora... se ela era quem me chamava pra jogar. Ela perde porque é caipora...

Pois é olhemos, a história além da pedra e cal.

Quantos Béietes não fazem parte da história de Natal?

Fonte

GUIMARÃES, João Amorim. Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal. Natal: FIERN-SESI, 1999(Organização, introdução e notas: Humberto Hermenegildo de Araújo)

Luciano Fábio D. Capristano*

(*)Historiador/SEMURB

Crônica de Natal



O bonde de tração animal foi inaugurado em 1908 pela Companhia Ferro Carril

Natal começou pelas normas naturais. Casas desalinhadas, de barro ou de palha, lá por onde os ousados aventureiros assentaram os alicerces da pátria nova. Depois, no correr do tempo, atendendo já as necessidades da elegância e da ordem, as ruas surgiram e se multiplicaram, deram melhor abrigo às lutas conquistadoras e destas o movimento ambicionista recebeu vulto.

Natal foi, assim, se dividindo em bairros, criando calçamentos, edificando-se em caprichos de lei. Era, porém, como ainda hoje, anêmica. Faltava-lhe sangue forte bastante nas artérias. Tanta luta, mas pouco tônico! Mesmo assim, foi vivendo e hoje,

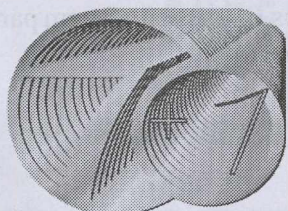
mais sadia, amanhã terá seiva bastante para desenvolver sem delíquios malfadados o seu pobre organismo.

Dentro do pauperismo insano que a detém, ela, entretanto, é uma cidade bonita. Quando as primeiras carruagens atravessavam as ruas ao trote de magras cavaliças, já se compreendia que a riqueza particular renunciava era melhor. Pouco depois previam-se os bondes, que nas cidades adiantadas eram as delícias dos habitantes, fazendo-os ganhar tempo ao tempo e mais descanso ao corpo. E os bondes, há uns tantos anos, trouxeram Natal num rebuliço ensurdecador. Da Frei Miguelinho à Conceição o povo expandia-se num entusiasmo fervente que hoje seria

ridículo. Todo mundo regalava os olhos numa expressiva curiosidade e o bonde, pequeno e sem elegância, puxado por uma parelha, descia e subia num barulho simpaticamente novo de rodas e de breques.

Estava Natal no primeiro vestuário da civilização, mirando ao espelho a nova moda, mas escapando-lhe grandes defeitos de confecção e modernismo.

Teve, porém, de, em breve, mudar de enfeites. Pensou-se em coisa mais momentosa. Veio o contrato dos senhores paulistas e estes nos mandaram alguns de seus usados carros elétricos. Novo entusiasmo. A gente achava-os inigualáveis em comodidade e, mesmo, em luxo. De todas as partes



**SALESIANO
NATAL**

**Há 71 anos, educando e evangelizando
a juventude potiguar.**

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - CEP 59.012-530 - Natal/RN - Tel.: (84) 3211-4220/ 4431 - Fax: (84) 3611-1027

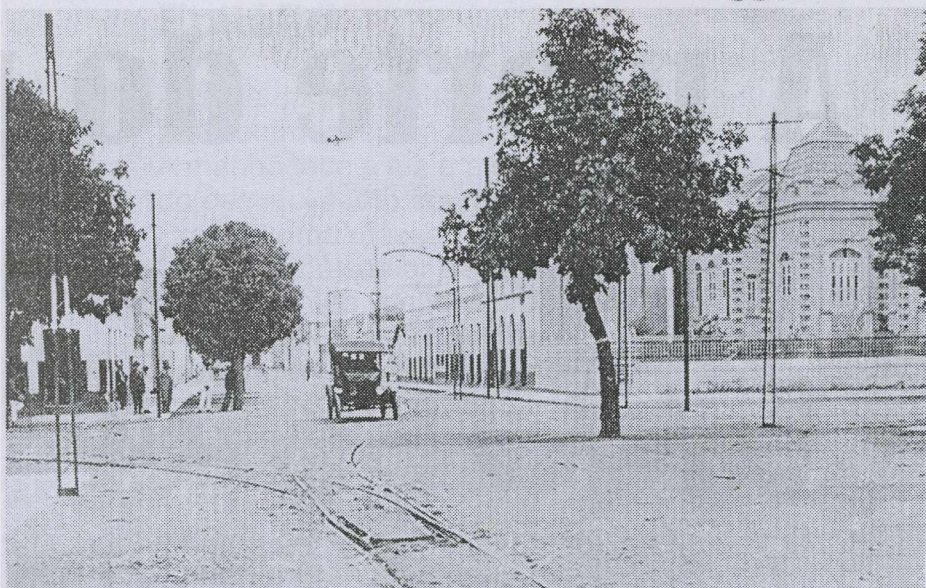
E-mail: salenatal1@digi.com.br - Home page: www.salesianonatal.com.br

do Estado vieram curiosos suando por todos os poros gozar um pouco da novidade, dos bondes sem burro, bondes admiráveis, que desciam e subiam ruas e ladeiras numa carreira macia e deleitante.

Ninguém queria mais andar a pé. Todos se encarapitavam nos bondes, que foram até o Tirol e Petrópolis. Alecrim ficou habitado em pouco tempo. Areia Preta se transformou em praia de banhos ultra-chique, devido aos maravilhosos veículos. Até, se não me enganam os anais do Parlamento, existiu o Reino de Areia Preta, bem constituído (corte, vassalos, exércitos,etc) que, sem ofender à nossa autonomia, bem poderia ter logrado mais alguns meses de vida!

Por esse tempo, já o teatro e o cinematografo invadiam por outro lado o espírito social. A insipidez teria golpe de morte dentro em pouco. As distrações apareciam. O cinema e o teatro, que constituem o chique nas modernas democracias, a essa época causavam sensação. Mas as funções tinham longos intervalos. Não poderiam ser como hoje. Começo, já se vê! O cinema, porém, como atrativo indispensável da civilização, venceu, tornou-se diário e multiplicou-se. O circo perdeu o seu esplendor e decaiu numa órbita inferior de popularidade.

Frêmitos novos de novas conquistas ampliaram em pouco a era dos bondes elétricos. Resvalando no seu tuc-tuc veloz, a despejar fumaça, apareceu, certo dia, um automóvel! Santo Deus, Virgem Maria! Eu não sei como a cidade não desabou! Era uma coisa fenomenal, até difícil de se decorar o nome! Para muita velha rezadeira o automóvel era a figura do Diabo. Conheci uma que ao ver os faróis acesos do "bicho" correu tremendo ao oratório para que se livrasse o



Na década de 20 existiam poucos automóveis circulando em Natal

povo do fim do mundo! Afinal, esse pobre único sumiu-se.

Mais tarde a nova espécie voltou. Eram dois ou três. Houve garage. Para neles se viajar qualquer dinheiro não chegava. Poucos minutos, dinheiro muito. Desapareceram novamente e novamente ressurgiram. E agora já está segura a moda do automóvel. Quem nele não vê logo a civilização vencendo? Em Natal, os automóveis se multiplicam velozmente. Cruzam de momento a momento todas as ruas e praças.

Não há duvida. Esse movimento progressista é a época de uma grande reforma social decisiva. O automóvel realiza tudo. Multiplica a riqueza pela simplificação dos negócios. Embeleza a cidade pela transformação dos aspectos e engrandece-a com a velocidade de um transporte rápido e ultramoderno. Tudo se consegue a custa do seu prestígio. O amor ultramoderno é criado e robustecido nos fofos assentos do automóvel. Possuir um automóvel é ter às mãos todas as riquezas, todos os desejos, todos os gozos. Quando

se diz a alguém que passeou de auto, um movimento de alegria orgulhosa e outro de inveja indiscreta se chocam incontinentemente. Todo mundo gosta de carreira macia de um Buick ou de um Studebaker. Dentro de uma *limusine* quem se não sentirá feliz?

A mulher... Ah! Não se contém. Despreza os melhores afazeres e os melhores sentimentos por uma hora ou mesmo alguns minutos de velocidade ultra-chique, para apreciar na vertigem dessa maravilha as maravilhas da vida.

O automóvel, é, pois, o grande civilizador. E Natal está, deveras, na era do automóvel. Agora, deve aguardar a do aeroplano. Esta, porém, é ainda problemática. O automóvel será sempre a grandeza das cidades, o mágico transformador das gentes e dos costumes

Aderbal França

Extraído de *Vida Profana*, Papelaria Brasil, Rio de Janeiro, 1926



POTYLIVROS

A Sua Livraria



A morte do pierrô



amigos e sem mais ninguém. E ele voltou a chorar e a cantar e a sorrir e a soluçar de um lado para o outro na sua solidão. E saiu a pular entre os paradoxos de uma existência e desengano.

Na sua memória ficaram os momentos bons de uma época de ouro, de um tempo inocente e sem violência e corrupção e rancor. E a brutal transformação de um mundo e o progresso feroz que destrói o que o próprio ser que se dizia humano construiu. E entre as razões de um universo abjeto, o Arlequim não parou de chorar. Suas lágrimas inundaram um ilusório corredor da folia. E seus olhos incharam.

Na larga avenida de postes iluminados não vi mais nada. As luzes apagaram. Fiquei a lamentar a solitária figura de um pobre homem com seu disfarce a esconder o rosto de uma outrora alegria. Hoje apenas mesclada com a tristeza de um crepúsculo onde se baralhavam cinzas de uma quarta-feira de completa escuridão.

E o Pierrô tirou a máscara e a jogou fora. Desfez-se também de sua falsa indumentária e voltou a chorar. Neste exato instante os soluços aumentavam e faziam eco entre as pálidas cinzas de uma sumida esperança. Ele já na sua casa a olhar no espelho para um rosto nu e sem o sorriso e a alegria de viver.

Na fria e molhada madrugada o Arlequim chorou. De saudades também de sua Colombina. Chorou depois na aurora de cinzas, da recordação de frevos e marchinhas de outrora. E na melancolia das ruas desertas, no encantamento e ilusão de épocas idas... Voltou a chorar. Era um choro amargo e, ao mesmo tempo, alegre. Na paradoxal vida de todos nós. Das despedidas do que jamais teria retorno. De uma fantasia que somente mostrava o invólucro do que já fora.

Lembrou os amores perdidos. Imaginou de quando na sua cidade existia ainda a salutar união e uma folia que se impregnava do que seria belo e autêntico. Hoje ele já não observava e nem mesmo poderia supor os cantos e encantos de um passado. Os clubes onde alargava sua alegria no miolo do salão. As danças com passos verdadeiros e bonitas composições. E o seu

lamento foi tão enorme que ele não acreditava no que via. E por isso, o Pierrô chorou.

Das delícias e de brincadeiras inocentes, de confetes, de serpentinas, do lança-perfume. Das meninas de shortezinhos com o umbigo à mostra. Dos cabelos envoltos nos rostos pueris. De como o objeto retangular e de cor dourada servia apenas para jogar o líquido friozinho nas pernas e coxas das mesmas. Lembrou de como era a meiguice da retribuição ao gesto singular. De como as garotas ficavam felizes com um afago. Com um beijo na face. E do que dali poderia sair também um namoro ou algo similar.

O Pierrô chorou, chorou muito. Lembrou-se de sua meninice. Dançou, então, um frevo, jogou confete e atirou serpentina para uma avenida deserta. Derramou o lança-perfume na rua fria e solitária. Apenas ele ali sozinho, sem mais a sua companheira. Sem mais os seus

Bené Chaves

Dep. Robinson Faria

É PRESENTE.

É FUTURO.



A mosca

A mosca devora meu copo
Quero concentrar-me
Mas não posso!
Já se estabeleceu
Bebe primeiro que eu.

Sem pedir licença
Sem decência, ataca-me!
Eu, sem paciência. – preciso tê-la!
E para detê-la
Bato na sua cara
Sem nenhuma prudência.

Como se fosse uma avis rara
Ela uma vira-lata e
Eu um simples plebeu sem caráter.
Ela querendo compartilhar comigo
Em busca de um amigo, um abrigo.

Eu, estúpido que sou
Pra ela, não coloquei à mesa,
De bandeja nenhuma cerveja.

Ela retornou revoltada
Não disse mais nada
Mas sentiu-se humilhada
E pousou no meu braço.

Como querendo um abraço
Ou uma reconciliação
Olhou-me com atenção
Nenhuma volta prometeu
E me disse adeus.

Paulo Alves

Epitáfio

A curva da estrada tece a próxima curva,
o encontro inesperado com o fim.
A manhã tece a luz e a sombra gélida
do esquecimento em mim.
Procuo uma máscara para o meu rosto.
Quero embalsamar os meus olhos
na imagem da ilusão.
Amigo viajante, não esqueça:
Tu és o suicídio de ti mesmo.
Um aborto maquinado no tempo
pela parteira do destino.
Tu és o fracasso às portas da conquista.
Tu, besta do ridículo
na terra em que nasceste,
abeira-te da minha sepultura
e desça, desça ao fundo
para contemplar todos os sucessos,
todas as conquistas dos fortes
e vitoriosos da Grande Mentira.
Depois... siga em paz.

Hudson Paulo Costa

Herói esquecido

Ingrato é o povo, que seu herói esquece,
rasgando, inconsciente, as páginas da história,
onde brilhantemente o seu nome aparece,
numa auréola de luz, coberto de glória.

Numa manhã de dezembro, num campo encharcado,
um nordestino valente, exausto e exangue,
na decisiva batalha de Onclé "Dourado"
escreveu o seu nome com tintas de sangue

No fragor da batalha, em meio ao tormento;
"Minha Mãe... Viva Mossoró"! Seu último alento;
Uma lança certa trespassa-lhe o coração!

Esquecido, não esqueceu sua terra natal;
Mossoró Mossoró! Põe no mais alto pedestal!
O teu Herói – Alexandre Baraúna Paredão!

Valter Canuto.

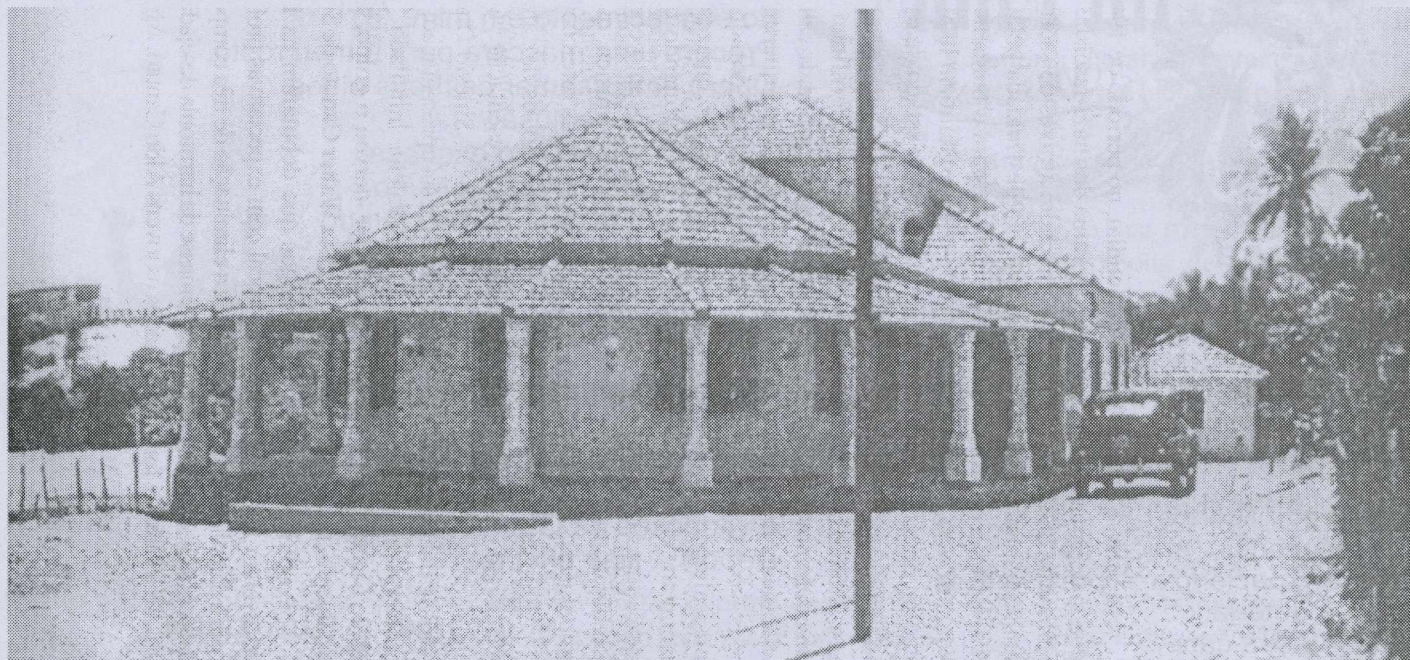
SEBO AMORIM
RUA PADRE GERMANO Nº 135 - NOVA DESCOBERTA
GALERIA DE ARTE - CDS - LIVROS - DISCOS - INSTRUMENTOS MUSICAIS

NOVO ENDEREÇO

Rua Padre Germano nº 135
Nova Descoberta
Tel. 3206.2790
Cel. 9973.9423

ACESSO A UFRR

Gênese do rádio em Natal



Rádio Educadora de Natal - REN - Pioneira da radiofonia potiguar

A descoberta do rádio é creditada ao italiano Guglielmo Marconi. Entretanto, o padre Jesuíta, gaúcho nascido em Porto Alegre, formado pela Universidade Gregoriana de Roma, Roberto Landell de Moura, conseguiu realizar em 1893, ou seja, um ano antes da experiência de Guglielmo Marconi, uma transmissão e recepção sonora sem fio, entre a Avenida Paulista e o Alto de Santana. E mesmo sendo chamado de bruxo, ele registrou a patente brasileira sob o número 3279, "para um aparelho apropriado à transmissão de palavra à distância, com ou sem fios, através do espaço da terra e da água".

Depois de patentear o seu transmissor nos Estados Unidos, ele

regressa ao Brasil e solicita ao então Presidente Rodrigues Alves, fazer uma demonstração pública entre dois navios de esquadras, no entanto, o oficial de gabinete do Presidente aconselhou ao presidente a não atender a solicitação dizendo que: "tal padre é maluco". Revoltado o Padre Landell, quebra o seu aparelho e abandona as pesquisas. Dezessete anos depois, tendo caducado a patente nos Estados Unidos, os americanos se apoderam de suas teorias e do seu revolucionário invento.

O Rádio como meio de comunicação no Brasil teve o seu início em 17 de outubro de 1922, no Estado de Pernambuco, com a inauguração da Rádio Clube de

Pernambuco. Entretanto a primeira transmissão radiofônica ocorreu em 7 de setembro de 1922, com a transmissão do discurso de inauguração da Exposição do Centenário da Independência, pelo Presidente da República Epitácio Pessoa.

Edgard Roquet-Pinto, carioca que tinha na radiofonia sua paixão, em 2 de abril de 1923, inaugurou, juntamente com Henrique Morize e os técnicos Elba Dias, Antônio Labre, Juvenil Pereira e Oscar de Sousa Pinto, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro PRAA. No mesmo ano teria ainda sido inaugurada a Rádio Clube do Paraná e a Rádio Educadora Paulista. Alguns historiadores afirmam que a criação oficial do






FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes



PREFEITURA DO
NATAL
compromisso com a cidade

Funcarte@natal.rn.gov.br - Fone: (84) 3232-4956

rádio no Brasil no sentido de radiodifusão (transmissão de programas culturais, recreativos, educativos e musicais) aconteceu inaugurado, no Brasil, em 1º de maio de 1923, com a conferência do Professor Edgard Roquet Pinto, através da Rádio PRAA.

No Rio Grande do Norte, mais preciosamente na cidade do Natal, o protótipo da comunicação através das ondas sonoras, surgiu com a difusora intitulada Indicador da Agência Pernambucana de Luiz Romão. Este promotor de costumes era proprietário de uma distribuidora de Revistas, conhecida como Agência Pernambucana, localizada no prédio n. 46, da Av. Tavares de Lira, no bairro da Ribeira, de onde informava, através de alto falantes instalados pela cidade o que acontecia na província e no mundo.

Entretanto, a primeira transmissão de rádio, a título de experiência, que podia ser sintonizada através dos aparelhos de rádio da cidade, ocorreu, coroando o trabalho de Carlos Lamas, no ano de 1936, em um local próximo a Casa do Estudante, localizada à Praça Cel. Lins Caldas, no bairro da Cidade Alta. Dias depois, foi realizado no mesmo local, um show que contou com a participação de um Conjunto Vocal amador formado pelas cantoras Denise Albuquerque (violão), Jandira Albuquerque (violino) e Clarice Palma (bandolim).

A primeira rádio no sentido de radiodifusão do Rio Grande do Norte, foi a ZYB-5, Rádio Educadora de Natal - REN, graças aos esforços de dois abnegados e apaixonados pelo Rádio, Carlos



Agência Pernambucana de Luiz Romão

Lamas, Carlos Farache, que com muita perseverança e várias “Campanhas de Pedra e Tijolo”, conseguiram inaugura-la em 29 de novembro de 1941.

Três anos após a sua inauguração, o Empresário e Jornalista Assis Chateaubriand, expandindo as suas empresas, adquiriu a REN, que passou a integrar a cadeia dos Diários e Emissoras Associadas, transformando-a na tradicional Rádio Poty. A partir de 1954, a cidade do Natal, passou a contar com outras rádios, através da inauguração da Rádio Nordeste, fundada em 12 de dezembro, e, a Rádio Cabugi, fundada no dia 1º de dezembro.

O rádio em Natal entrou na história da radiofonia nacional. Programas de auditórios destacaram a atuação do rádio em Natal como Domingo Alegre com Genar Wanderley, Hora da Alegria e Vespéral dos Brotinhos com Luiz Cordeiro, Turbilhão de Novidades, com Edmilson de Andrade, Alegria na Taba, com Wanildo Nunes, além

dos programas da Sociedade Artística Estudantil—SAE.

Muitos artistas tatuaram na lembrança do natalense seus nomes como Glorinha Oliveira, Reinaldo Calheiros, Teresinha Maia, Paulo Silva, Isaltina Cavalcanti, e os irmãos Rayol, Agnaldo, Marly e Zilma. Do Rádio-Teatro ficou a lembrança dos humoristas Canelinha e Cláuthenes Andrade e de Teixeira Neto, o popularíssimo Toxó, cujas apresentações estão registradas nas lembranças da população que teve o privilégio de assistir suas apresentações e os programas que informavam, divertiam e encantavam. Estes programas e estes artistas construíram a memória do rádio natalense e serão sempre destaque quando se falar na descoberta da radiodifusão no Rio Grande do Norte

Manoel Procópio de Moura Júnior (*)

* Procurador, Escritor e Sócio Efetivo do IHG/RN

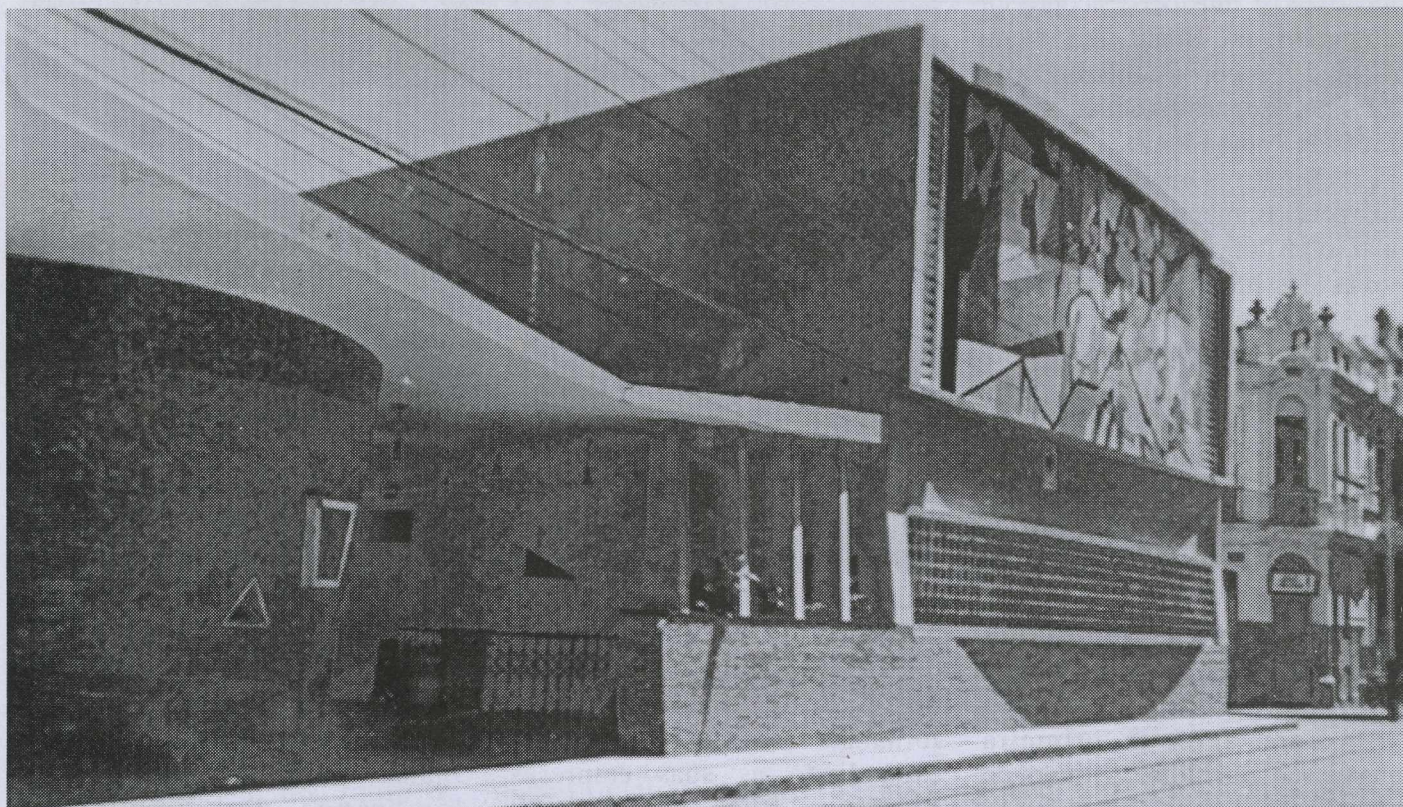
PREFEITURA DO
NATAL
COMPROMISSO COM A CIDADE



Escola Municipal de Ballet
Professor Roosevelt Pimenta - Natal/RN

FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes

Os melhores filmes vistos nos anos 60 - I



O prédio do antigo cinema Nordeste será demolido para a construção de uma loja de departamentos

Acho que na década 60 do século passado foi quando o espectador natalense viu algumas obras-primas da Sétima Arte. Nesta série de artigos pretendo homenagear os cinemas natalenses que possibilitaram isso, relacionando de cada vez os 10 melhores filmes que, em minha opinião, foram exibidos em cada cinema, indicando a data em que os vi. Começo pelo Cine Nordeste, cujo prédio, em abril esteve ameaçado de ser transformado em um estacionamento.

O Cine Nordeste, da

empresa Cireda, inaugurado a 20 de dezembro de 1958, com o filme "O Príncipe e a Parisiense", de Michel Boisrond, começou a década exibindo, a 05 de junho de 1960, **Meu Tio**, o filme com o qual o diretor/ator Jacques Tati ganhou o prêmio especial do júri em Cannes, em 1958 (ano em que o filme foi realizado). Com seu personagem Hulot, confuso, desajeitado, mas tranqüilo, vestindo calças um pouco curtas (Tati, que interpretou Hulot, era bastante alto), tendo na boca um cachimbo apagado, e andando

de bicicleta (sem poluir o ambiente), Tati criticou o estilo de vida artificial e mecanizado da classe alta, mas envolvendo esta crítica em poesia e espontaneidade.

Outro filme de 1958 foi exibido pelo Nordeste em 1961. E mesmo sem ser obra-prima absoluta (como **Meu Tio**), **Quero Viver**, de Robert Wise, exibido a 02 de novembro de 1961, vale a inclusão por ser uma história humana e verídica (da prostituta Bárbara Graham, condenada à morte por supostamente ter assassinado uma viúva, a condenação dela

Bella Natal
1995

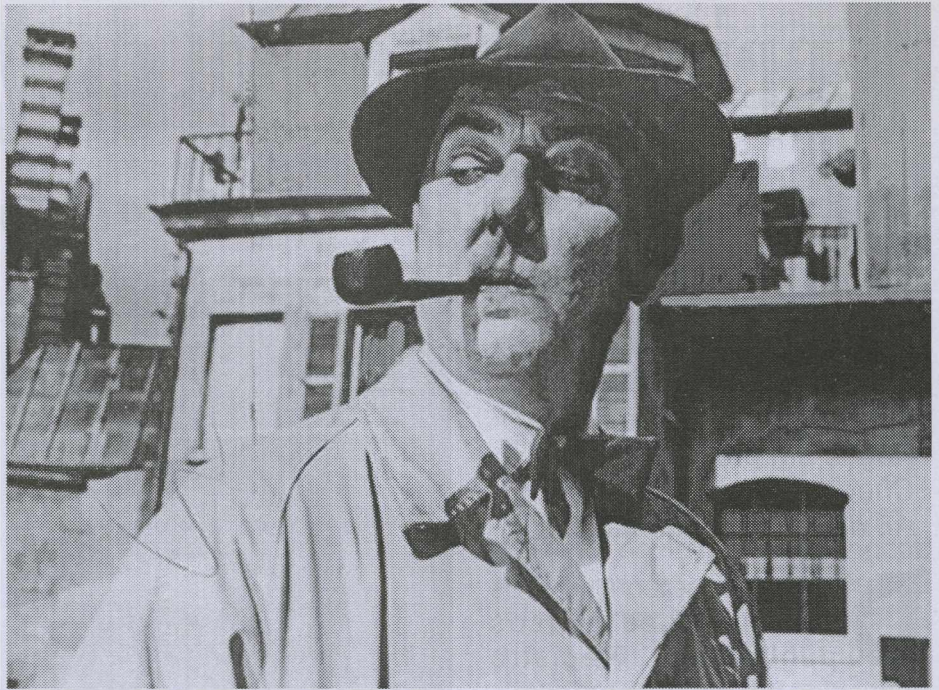
Restaurante e Pizzaria
www.bellanatal.com.br
3217-4704
Shopping Cidade Jardim

servindo para inocentar os verdadeiros culpados), contada em uma linguagem cinematográfica dinâmica.

Em 1959, o diretor René Clement, vindo de uma espécie de neo-realismo francês, resolveu assumir um desafio: fazer o filme **O Sol Por Testemunha**, para empregar um estilo a la **nouvelle vague**. Foi este filme que os espectadores do Nordeste viram a 04 de junho de 1962, deliciando-se, os mais sensíveis, com a hábil câmera de Henri Decae que, como dizia Berilo Wanderley, em "minúcias microscópicas", no close do rosto aprisiona uma "esquiva nuança psicológica".

O Encouraçado Potenkim, filme com o qual o russo Sergei M. Eisenstein revolucionou a linguagem do cinema em 1925 pelo uso dos recursos de montagem, estava em cartaz no Nordeste a 27 de abril de 1963. **Se Meu Apartamento Falasse**, um filme de Billy Wilder realizado em 1960, estava em cartaz a 13 de setembro de 1964 na velha sala refrigerada da Rua João Pessoa, nº 86. Era uma comédia refinada, com tintas de denúncia social.

A seguir, foram vistos os seguintes ótimos filmes: **Uma Mulher Para Dois**, de François Truffaut, realizado em 1961, e em sessão de 21 de agosto de 1966; **Cidadão Kane**, a obra-prima de Orson Welles, realizada em 1941 (um filme barroco em sua multiplicidade



Diretor e ator francês Jacques Tati morreu a 5 de novembro de 1982

de planos), vista em sessão de 25 de fevereiro de 1967; **M, O Vampiro de Dusseldorf**, de Fritz Lang, do ano de 1931, e que estava passando no Nordeste em sessão de 30 de abril de 1967 (Cinema de Arte do Cine-Clube Tirol).

Para fechar a lista com chave de ouro, relembro aqui dois filmes inesquecíveis vistos no finzinho da referida década 60: **O Evangelho Segundo São Mateus**, de Pier Paolo Pasolini, da safra de 1964, e visto em sessão de 22 de novembro de 1968, quando tomei consciência de como um materialista ateu sabe mostrar, pela beleza da imagem cinematográfica, um Cristo moreno (e não louro, como geralmente é mostrado), simples, compreendido pelo povo em sua liderança

revolucionária; e **Blow-Up – Depois Daquele Beijo**, de Michelangelo Antonioni, de 1966, e visto em sessão de 09 de março de 1969.

O Cine Nordeste fechou suas portas em definitivo após exibir, às 21h de 10 de junho de 2003, o filme pornô **Ardendo em Prazer**, tão ruim que não dá nem para lembrar o nome do diretor (ao contrário de uma obra-prima como **Bem No Fundo de Vanessa**, que sabe-se ser um clássico do gênero, dirigido por Gregory Dark, e interpretado pela impecável e insaciável Vanessa Del Rio).

Anchieta Fernandes



Restaurante PALADAR TROPICAL

Self Service no Peso e Marmitas

COMIDA SERTANEJA

- Carneiro / Galinha
- Paçoca / Carne de Sol
- Filé de Traira
- Farofa D'água
- Lingüiça do Sertão

FRUTOS DO MAR

- Camarão / Ostra
- Carne de Siri
- Ova de Peixe
- Peixe em Posta

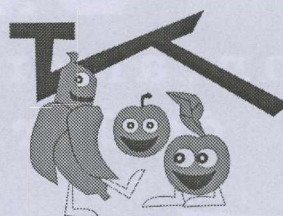
CHURRASCO

- Picanha / Maminha
- Filé de Coxa de Frango

Filé à
Parmegiana

Rua Jaguarari, 2570 - (84) 3206 - 1687
(por trás da Justiça Federal)

A Ki - Tanda



DISKTANDA
3223-3161

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2419 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 3223-3161

O primeiro cordel de Zé Saldanha

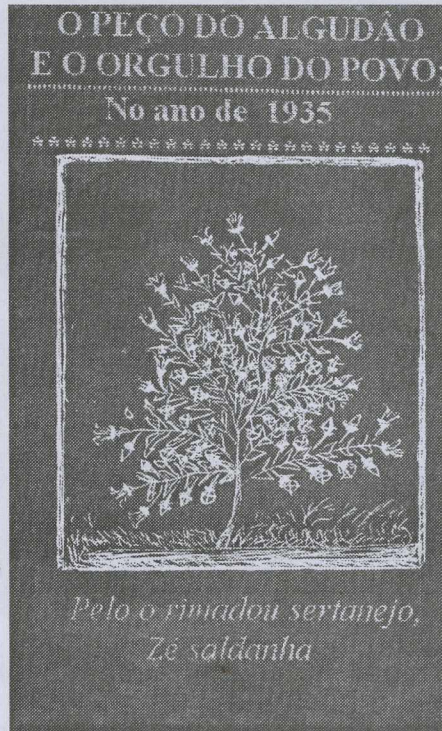
(O Preço do Algodão e o Orgulho do Povo - 1935)

*Escrevo a pura verdade,
Do que vi pelos sertões,
Algodão de trezentos réis,
passou para cinco tostões,
Pegou um preço alterado,
Chegou até dois cruzados,
Aí, danou-se as confusões.*

Decorrem setenta e três anos desses versos publicados. Registro poético da era do “ouro branco” – o algodão, na ótica de um sagaz rapaz, contando à época, dezessete anos, parido das entranhas da Serra de Santana, no Sítio Piató, Santana do Matos, lá onde o Seridó principia.

Noite de São João de 1925, ainda menino, seu pai, Francisco Saldanha da Silva (Chico do Piató), contrata para uma cantoria na casa grande da fazenda, o cantador José Oiticica. Saldanha, aos oito anos de idade, infante alerta aos versos, ouve atentamente o romance, Rosa e Lino – O mal em paga do bem, do Poeta José Melquíades. Tal concentração, desde o início até o fim, impressiona ao cantador, que, dirigindo-se ao seu pai, vaticina: “Esse menino é poeta!”

Crescendo na lida rural dos troncos das serras – comboio de gado, cavalo, cerca de pau e de pedra, artefato de couro, roçado, coivara... -



Saldanha tem nos pais, o incentivo às letras. Trabalho ao dia, estudos à noite. Esboçam-se nesses autênticos e nítidos traços sertanejos, o retrato do Poeta matuto, Zé Saldanha.

Santana do Matos, 1935, o cenário é rico. Plantações de algodão, proliferando faturas por todos os rincões. A sanha que abarca o apanhador (homens, mulheres e meninos), o fazendeiro, e o usineiro, aumenta cada vez mais, quando o preço do alvo produto, salta degraus, galgando cumes rapidamente. O dinheiro estufando os bolsos sertanejos dinheiro pra encher

pote/ tá, o tamanho do pacote!... Dedé (assim meu pai e os mais próximos o chamavam), empunhando o lápis, em versos, descreve com precisão e simplicidade seu povo, seu tempo e seu espaço.

Nasce o Poeta Cronista, José Saldanha Menezes Sobrinho. Pura literatura de informação. Moeda corrente (Tostão, Contos, Réis, Cruzado). Produtos variados: tecidos finos (seda ambataclã, voales, cambraia fina, cetim de ranã) e o chapéu de lã para as mulheres; o brim de linho para os homens; anéis, brincos e dentes de ouro, brilhantina Manarra, perfume em garrafa Flores de amores, vinho de uva, cachaça Sete Queda, lenços de todas as cores, fita, pente e marrafa... A pobre camponesa, antes vestindo chita, agora esnoba na moda, vestido e combinação. Maria da velha Aninha/prá toda festa que ia/trocava cinco vestido/antes de amanhecer o dia/isso é dinheiro de algodão/vestido e combinação/tenho que perdi a quantia.

Dinheiro fluindo do velho ao menino, do camponês ao fazendeiro, proporciona poderes a todos: aí, danou-se as confusões... Brigas, tiros, casamentos feitos e desfeitos, poligamia, a soberba e a luxúria, campeando desde a Serra até a

BREVE

Lançamento do 3º Volume
do Jornal Galantes

PROJETO
N A Ç Ã O
Potiguar

nacaopotiguar@uol.com.br

Galantes

Rua, ameaçando até a Igreja Católica. O avô de Saldanha, intervém no cordel, em defesa do evangelho, evocando a profecia nas escrituras:

Havia uma profecia/de uma tal de Besta Fera/ouvi meu avô dizer:/já está chegando a era/essa Besta sem reprovo/vem dando dinheiro ao povo/e tudo se desespera..

Isso é da escritura / ela dará um estoro / e vem soltando dinheiro / de um maldito tesoro /já vem de idéia pronta / trocando ruzaro de conta / por um ruzaro de ouro.

Cordel revisado pela professora D. Rita Regina de Macedo Saldanha, sua estimada mãe, está estruturado em 26 setilhas, rimando ABCBDDDB, versos de sete sílabas, alguns pés-quebrados. Traz marcas típicas do cordel: o humor (Toinha da véia Joana/magra que só tanajura), na oralidade, a liberdade das concordâncias: verbal (eu já cheguei em lugares/que pocos meninos vai), nominal (cachaça sete-queda), na grafia (ruzaro/rosário, touro/touro, boço/bolso, tesoro/tesouro, pocos/poucos), para atizar os puristas, as rimas, (d e m a i s / p a z ; touro/namoro/oro...). Dois pequenos lapsos ao rimar nas setilhas 13 (caseiros / tiros) e 20 (estrato / alto), erros de impressão, a partir da capa, O PEÇO DO ALGUDÃO, mas, por se tratar de uma obra popular, escrita por jovem, sertanejo, nordestino, são argumentos favoráveis ao Poeta - meu conterrâneo - que reforçam tão

somente a absolvição ante qualquer pré-julgamento. Prevenindo-se disto, o próprio bardo santanense, trouxe sua pré-defesa nos seus últimos versos, setilhas 24, 25 e 26:

Esse preço do algodão/esquentou o povo demais/obrigou até a mim/escrever termos rivais/com os poucos anos meus/peço proteção a Deus/para viver a vida em paz.

Peço desculpa ao povo/desta minha narração/o primeiro versinho que fiz/sobre o preço do algodão/escrevi a realidade/do que vi desde a cidade/ao interior do sertão.

Peço para desculparem/o menino do papai/aos meus dezessete anos/essa lembrança não sai/sobre termos populares/eu já cheguei em lugares/que pocos meninos vai.

Coroando tal façanha, para rimar com Saldanha, segue este episódio: contou-me em sua casa, o próprio, a saga da edição financiada pelo pai. Às 2 horas da madrugada da quarta-feira, limiar de dezembro de 1935, cavalo equipado corta o sertão. No matulão 25.000 réis. Meio dia na estrebaria de Santa Cruz do Inharé, agreste potiguar, o cavaleiro-poeta da terra de Oscar Macedo, paga dois Tões pelas custas dos cuidados eqüinos. Na Tipografia Santa Cruz, fecha a empreitada literária de 1.000 folhetos em 20.000 Réis, tendo a palavra de honra sertaneja, como selo, carimbo e assinatura desta transação e o compromisso de entrega, na quarta-feira

seguinte, no escritório da Cooperativa de Escrita Comercial em Cerro Corá. Compromisso firmado, compromisso saldado, conforme combinado. Saldanha nem abre o pacote, monta cavalo e risca para o Piató. A alegria do Poeta confirma O Preço do algodão e o orgulho do povo

Santana do Matos, sábado, pátio da feira, Saldanha abre a maleta e recita para os Santanenses com orgulho, seu Primeiro Cordel. Cinco tostões é o preço do folheto. As vendas disparam, até a metade da maleta encerrar o dia. Disse-me ele: "Deu-me um trabalho danado, pra tomar um café". "Era um bolo de morcego nos bolsos."

Dia seguinte domingo, feira de Cerro Corá. Muitos folhetos, muitos morcegos nos bolsos. Antes do meio-dia, mais um quarto da tiragem se esvai. Ainda sobra-lhe tempo e cerca de 200 exemplares para em Currais Novos nesse mesmo dia, vender o último folheto, rendendo-lhe na alma milhares de Réis de felicidade, encerrando a epopéia literária desse expoente da literatura popular brasileira, com mais de mil títulos editados, condecorado com tão justa, singela e honrada comenda de O Mais Velho Poeta Cordelista em Atividade.

Manuel de Azevedo (*)

* Poeta, professor e músico



SuperStar
PROMOÇÕES & EVENTOS



William Collier

Palcos / Camarotes / Tendas / Pórticos / Estandes para Feiras / Arquibancadas
Bilheteria / Fechamento de Ferro / Mesas e Cadeiras / Passarelas / Banheiros
Químicos / Taiões / Rádio Comunicador / Geradores.

Av. Jerônimo Câmara, 1525 - Lagoa Nova - Natal/RN
Tel: (84) 9981.4081 - CEP: 59060-300
collier@projetoseisemeia.com.br
www.projetoseisemeia.com.br



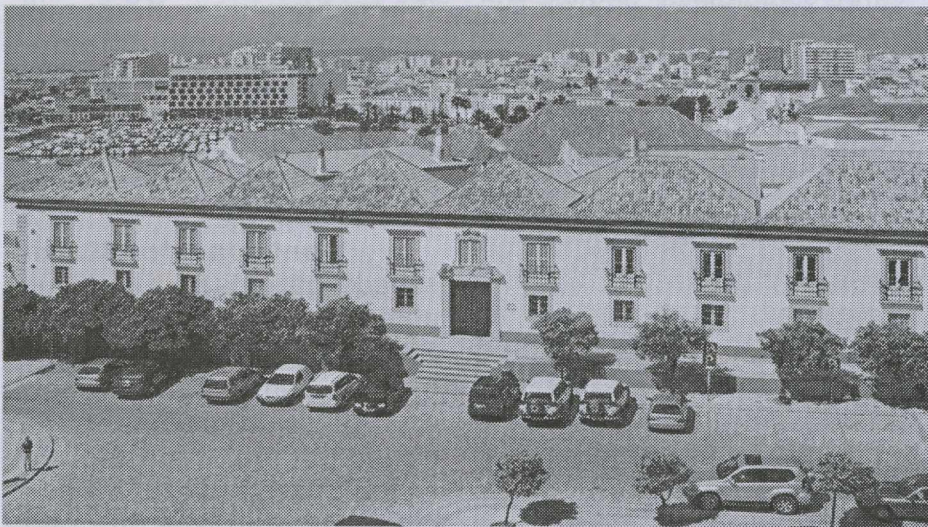
Ativo
Contabilidade

Qualidade é a nossa diferença
Disk Ativo 4000: (84) 3521- 4000

Macau, Guamaré, Pendências e Alto do Rodrigues

Cultura é Responsabilidade Empresarial Social sim, senhor!
Com responsabilidade fazemos parte da cultura Potiguar.

No Algarve



Largo da Sé e Paço Episcopal

De Lisboa a Faro são três horas de viagem em ônibus de linha. Viagem monótona por auto-estrada. Paisagens sem graça: vinhedos, depois olivais (ou sobreirais?). Nem uma casa sequer, nenhum sinal de vida naquelas planuras intermináveis. Somente na chegada ao Algarve, após duas horas e meia, é que a paisagem torna-se interessante. Alguns povoados salpicando de branco o verde-cinza outonal das colinas. Convém prestar atenção às chaminés das casas, pequenas obras de arte.

Capital do Algarve, Faro me pareceu maior do que imaginava. É cidade de porte médio, uma Caicó melhorada...

Cidade antiga — a Ossonoba romana, depois, longos anos, sob domínio dos mouros, retomada em 1249 por Afonso III — ficou parada no tempo, do início do século XVII até meados do século XX, quando voltou a crescer em consequência da exploração turística das praias algarvias. Todo verão, afluem legiões de turistas em busca do sol e do mar do Algarve.

Mas, o que me interessa nessa cidade são os seus monumentos históricos e artísticos. Praias eu tenho de sobra na minha Natal.

E lá vou eu pelas ruas do centro antigo. Quatro horas da tarde, não vejo viva alma (!) Nesta

época, começo do outono, Faro está bem mais tranqüila.

Transpondo o Arco da Vila, majestoso pórtico barroco, adentro (o termo é bem este) a Cidade Velha, e logo me acho numa bonita praça, com laranjeiras, na qual se destacam a Sé e o Paço Episcopal.

Embora malfeita de corpo — digamos assim —, a velha catedral impressiona. Do primitivo templo destruído em 1596 restaram duas capelas, a base do campanário e seu portão medieval. Internamente, suntuosos altares em talha dourada, vistos separadamente causam forte impressão, mas, em conjunto, perdem muito desse impacto visual. A perturbadora mistura de estilos resultou de inúmeras reconstruções ao longo dos séculos.

Um incrível órgão, de 1856, vermelho, decorado com motivos chineses, desperta atenção logo à entrada.

Do alto do campanário, onde cegonhas fizeram ninhos, na maior sem-cerimônia, eu alongo a vista para o mar, e me espanto. O mar está todo marrom... Na verdade não é o mar o que vejo, mas enorme extensão de arrecifes, formando insólita planura entremeada de água. Que coisa curiosa! — É a Ria Formosa, parque natural — me dizem.

Ao longe uma fimbria azul — o mar de verdade.

Saio a andar, vagarosamente, pela Cidade Velha. As ruas estreitas e tortas, as edificações cercadas de muralhas imemoriais, tudo é motivo de encantamento.

Numa pequena praça me deparo com o belo prédio do Museu Municipal, de arte e história, o qual visito, atento, de modo especial, ao seu acervo arqueológico, em destaque um magnífico piso de mosaico romano, retratando a cabeça do deus Netuno (séc. III d. C.) numa alegoria que remete à legenda talássica do lugar.

Lamentavelmente, deixei de ver por dentro duas das igrejas históricas mais importantes situadas fora da Cidade Velha: Carmo e São Pedro. Quando fui visitá-las, no segundo e último dia de minha estada, era feriado, estavam fechadas. Azar.

Feriado e greve, flagelos do turista...

Junto ao Carmo de fachada imponente e um tanto bizarra, a famosa Capela dos Ossos, também fechada.

O jeito foi caminhar a esmo nas ruas antigas do centro.

O comércio elegante concentra-se num labirinto de calçadas junto à Cidade Velha: lojas, cafés, restaurantes, muita gente indo e vindo, idosos batendo papo, artistas de rua e... cães vadios (quantos Faro tem!)

A viagem de volta a Lisboa, em ônibus de linha, foi mais demorada e menos monótona que a ida. Passamos por Vilamoura e Albufeira, cidades balneárias, vistas a vôo de pássaro.

Dá para sentir que a burguesia européia elegeu esses lugares e praias outras do Algarve como centros preferenciais de lazer, nos ensolarados dias de verão.

Amor

Dr. Manoel Laurentino, numa tardezinha dessas, quase a hora do jantar estava em sua cadeira de balanço, no primeiro andar de casa, tranquilamente a olhar o jardim. E deparou-se com o Robson, seu filho mais velho, lá embaixo, no jardim, abraçado com mocinha, que a principio não deu para ver. Pareceu-lhe a Creusa.

Não interessava. Interessou-lhe o desempenho do rapaz. E ufanou-se.

Sorriu, balançou a cabeça. O Robson puxava a ele, macho e criativo. Ah, que saudade de seus vinte anos! E como a cena lhe era gostosa, continuou de olho e testemunhou o Robson acariciar a mocinha e ao se debruçar sobre ela, dá-lhe beijo bom.

Encheu o peito de felicidade. De orgulho. E desceu para o jantar, sorrindo por inteiro. Depois, ao terraço, com a Ceíça, sua esposa, comentou a cena do jardim, mas sem demonstrar exageros. Dissertou sobre a beleza e a ingenuidade do amor, a carícia da juventude. Todos felizes e ponto final.

Um mês depois.

Um mês depois, Dr. Manoel Laurentino estava na mesma sacada do primeiro andar da casa, depois do jantar, e vivenciava o ar da noite que lhe fazia bem. De súbito, numa brecha das trepadeiras do jardim, viu um vulto. Um vulto, não. Dois vultos. Seriam mesmo dois? Ou um vulto só?

Dr. Manoel Laurentino não seria, jamais, pessoa indiscreta.

Indiscrição com ele, não.



Possuía boa formação jurídica, estofo moral para bons discernimentos. Não andaria atrás de segredos ou namoros de quem quer fosse. Mas, com um filho imberbe e uma filha caçula, a Celina, por quem se derretia de amores, mantinha cuidados cautelosos nos modernos cuidados de hoje. E desejou conferir aquilo ali, nos jardins de sua casa. Aí olhou de novo.

E percebeu claramente que a garota era Celina. Celina, vissem só! A sua filha!

Não acreditou.

Como seria possível semelhante disparate dentro de sua casa? E bem ali no jardim! Um marmanjo aí qualquer, um João-ninguém beijando a sua Celina. E como poderia ser? A Celina se entregar, assim de mão beijada, a um marmanjo aí qualquer!

Por não acreditar, olhou de novo. Contrariou-se.

Teve a certeza certa. Indiscutível a certeza. A mocinha era mesmo a Celina, aos beijos com um rapaz, nem se sabia quem.

E, num rompante de indignação, entre protestos legítimos, chamou a esposa:

-Ceíça!

-O que é?

-Venha cá, Ceíça. Suba aqui na sacada, rápido.

-O que é?

-Venha ver que absurdo, no jardim.

Dona Ceíça subiu.

-Que absurdo, homem de Deus?

-Um rapaz, veja só!

-Que rapaz, Dr. Manoel?

-Sei lá quem é, Ceíça! Veja o maroto. Beijando a nossa Celina. Ali. Ó.. Ó... Veja lá. O bandido!

Afrânio Pires Lemos

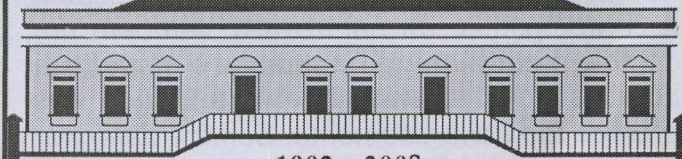
LIVRARIA INDEPENDÊNCIA

- Livros
- Suprimentos p/ informática
- Papelaria
- Móveis p/ escritório

Rua Amaro Barreto, 1243 - Alecrim - Natal/RN
fone/fax: (84) 3211-4966 / 3201-4100

106 anos

A mais antiga
Instituição Cultural do Estado



1902 * 2008

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

Memória da cidade do Natal



Av. Presidente Bandeira, no bairro do Alecrim, no final da década de 40



Visita dos deputados às obras de saneamento de Natal, em 25.09.1937

Natalenses ganham mais uma área de preservação ambiental

“Este Parque da Cidade, que reverencia o nome de Dom Nivaldo Monte, é um espaço aberto à educação ambiental, à preservação e à contemplação da natureza. É também um convite à convivência harmônica e respeitosa com os dons naturais que esta cidade nos oferece tão generosamente. Sentir e defender este ambiente é fazer um pacto com a vida.”

Prefeito Carlos Eduardo

